

# Questões metodológicas em pesquisa com jovens *rappers*

Resultado de investigação finalizada

GT 16- Metodologia e epistemologia das ciências sociais

Lila Cristina Xavier Luz

## Resumo:

Este trabalho nasce de uma preocupação de socializar uma experiência de pesquisa com jovens *rappers* moradores de zonas periféricas da cidade de Teresina. Nossa intenção é apresentar algumas reflexões acerca da metodologia de pesquisa a que recorreremos para desenvolver nossa pesquisa de doutorado sobre as práticas de *rappers* pertencentes a grupos de *rap*. Tem sido crescentes nos estudos sobre juventudes o recurso a observação participante e aos grupos de discussões, todavia, a história de vida raramente é utilizada, sob o argumento de que os sujeitos têm pouca experiência para narrar sobre suas vidas. O trabalho reflete acerca do uso de duas estratégias de recolhimento de informação: a etnografia e a história oral, esta última com enfoque na história de vida.

**Palabras claves:** Metodologias de pesquisas; História de vida; Etnografia

## I-INTRODUÇÃO

Nas últimas duas décadas, os estudos sobre as juventudes brasileiras, evidenciam um caráter inovador na maneira como as pesquisas de campo são conduzidas. Os trabalhos de Abramo (1994), Araújo (2002), Costa (2000), Carrano (2003), constituem-se importantes referências na direção de estudos que buscam construir reflexões pautadas nas realidades juvenis. Nesses estudos, a realidade é apreendida na sua dinamicidade, visto serem essas análises norteadas pela idéia de juventudes, considerando as determinações dos contextos sócio-históricos. Ao abordar as juventudes, esses investigadores centram o interesse nas narrativas dos “sujeitos” da pesquisa, refletindo sobre o que pensam e como vivem.

A observância da importância das práticas juvenis exige dos investigadores, uma postura investigativa capaz de apreender a complexidade inerente à diversidade dessas práticas. Este exercício apreensão coloca à prova pesquisadores e seus conceitos, exigindo-os um rompimento com uma forma de investigar centrada no que Pais (2000) denomina de lógica da demonstração. Nesta direção, as preocupações investigativas não são os fatos, mas o modo como são abordados e analisados.

Com esta preocupação, os investigadores têm privilegiado uma abordagem etnográfica, dando ênfase às particularidades dos eventos juvenis como um importante meio para uma aproximação compreensiva sobre os grupos juvenis. É recorrente, também, o uso da história oral, para recolher informações acerca dos significados de suas práticas.

Este texto é baseado num relato de pesquisa sobre *rappers*, que tem como objetivo conhecer as práticas dos *rappers*, inseridos em grupos de *rap* da cidade de Teresina, com vistas a resgatar o que fazem, enfim, seus modos de vida. Dentre os objetivos específicos, consta aquele de apreender as trajetórias dos *rappers* na cidade, os espaços ocupados, tensões e os conflitos enfrentados, com vistas a recuperar as motivações que os conduziram ao movimento; resgatar e analisar as relações estabelecidas e os significados dessas práticas para a vida dos jovens.

Nos itens a seguir apresentamos, inicialmente, algumas reflexões sobre as pesquisas com jovens. Posteriormente, desenvolvemos um relato do processo de investigação sobre os grupos de *raps*

no município de Teresina. Por fim, pontuamos alguns elementos sobre a escolha da história de vida como metodologia para recolher os relatos as narrativas dos jovens sobre o significado de ser *rappers* na cidade.

## II-QUESTÕES INVESTIGATIVAS NOS ESTUDOS SOBRE JUVENTUDES

A preocupação em compreender a diversidade presente nas manifestações juvenis contemporâneas, tem inquietado uma série de pesquisadores em todo o mundo e, como não poderia ser diferente, também no Brasil.

No mundo, as pesquisas sobre jovens, no âmbito das ciências sociais, emergem quando as sociedades assumem características mais complexas do ponto de vista demográfico, econômico, político e social. Neste sentido, tais pesquisas se institucionalizam a partir da década de 1920, com o objetivo de oferecer, à sociedade, respostas científicas sobre os processos de transformações inerentes ao universo juvenil. Essas pesquisas emergem a partir da conhecida Escola de Chicago, mas particularmente, no âmbito do Departamento de Antropologia e de Sociologia da Universidade de Chicago. Circunscritas, as pesquisas, à temática do desvio social e da criminalidade, como problemas atribuídos aos filhos de imigrantes, nessas primeiras reflexões os jovens são, geralmente, compreendidos como *problemas sociais*. Compreensão essa que influenciou na construção de imagens e interpretações sobre as juventudes, contribuindo para a emergência ou o reforço da classificação de juventude como *problema social*.

No Brasil, as pesquisas sobre juventude, guardam certos aspectos, dois deles de suma importância para compreender as trajetórias dos estudos sobre o tema. Um primeiro relacionado à história social dos jovens. Um segundo diz respeito a institucionalização das ciências sociais. Em razão do eixo privilegiado para ser abordado neste texto, não entraremos em detalhes acerca destes dessas duas especificidades. Todavia, do ponto de vista histórico, no contexto brasileiro, os estudos sobre juventudes têm na década de 1972 um marco importante, definido pela publicação do trabalho de Foracchi, naquele ano, considerada uma das primeiras tentativas de introduzir no panorama científico uma reflexão sociológica sobre juventude.

Entretanto, indubitavelmente, no campo das ciências sociais brasileiras, só se pode falar de consolidação das análises sobre as experiências juvenis, a partir da metade da década de 1990, quando ocorre uma significativa expansão das investigações e reflexões sobre a temática.

Abramo (1997), ao fazer referência aos estudos sobre juventudes nos últimos anos do século passado, ressalta o crescimento das investigações e reflexões em que os jovens são objeto de estudo. Entretanto, a autora destaca que a maior parte da reflexão, desenvolvida neste campo, é destinada a discutir os sistemas e instituições presentes na vida dos jovens, como as instituições escolares, a família e ainda os sistemas jurídicos. No período, ressalta, pouca atenção é destinada ao modo como estes jovens elaboram essas situações. Em resumo, para a autora, apenas recentemente cresceram os estudos que levam em consideração os próprios jovens e suas experiências, suas percepções, formas de sociabilidade e atuação. (Abramo, 1994, p.25).

Transcorrido mais de três décadas do surgimento dos primeiros estudos sobre juventudes, é possível identificar uma maior preocupação dos investigadores com a metodologia de investigação adotada: quem e como abordar; que instrumentos e técnicas utilizar; com a contextualização das práticas juvenis, dentre outros aspectos. Pelo menos, é o que apontam esses investigadores ao relatarem, em seus trabalhos, o modo como a pesquisa de campo foi realizada e a forma como os dados foram analisados e compreendidos.

Assim, uma breve análise de alguns estudos por nós identificados, permite afirmar que, de modo geral, as investigações sobre as práticas juvenis comungam algumas particularidades, dentre estas, uma primeira está relacionada a análise da condição juvenil tendo como referência *contextos*

*específicos*, antes de estender o olhar a grandes questões nacionais. Com esta preocupação, os investigadores centram suas reflexões em grupos juvenis, buscando apreender e compreender suas formas de manifestação. Considerando esta particularidade, encontra-se, por exemplo, o trabalho de Abramo (1994) sobre os *punks* e *darks* em São Paulo; o de Diógenes (1998) sobre *hip-hop* em Fortaleza; o de Costa (2000), sobre os *skinheads*, também em São Paulo.

Uma segunda particularidade está voltada para as *culturas juvenis*. O interesse de uma série de investigadores pelo tema da cultura (e mais especificamente pelas manifestações artístico-culturais) proporcionou conhecimentos sobre o *funk*, o *hip-hop* etc. e, sobretudo, uma melhor compreensão sobre várias manifestações juvenis, como o *funk*, o *hip-hop* etc.. Por fim, uma terceira diz respeito à *forma de abordar os sujeitos* das pesquisas. Aqui os investigadores cercam-se de longos períodos de observação com a preocupação de evitar olhares “de fora” sobre o mundo juvenil. Entre os trabalhos que apresentam tal preocupação, identificamos o trabalho de Abramo (*idem*), de Diógenes (*idem*) e o de Carrano (2003). Este último autor descreve, minuciosamente, o longo processo de observação e afirma: “a abordagem direta dos jovens tardou a chegar” (p.18). Em todas essas abordagens, há um privilégio no enfoque ao universo juvenil como destaque para o estudo do lazer e da música; da sociabilidade grupal; da sexualidade. Sem dúvida, essa diversidade de enfoque, tem potencializado os estudos sobre juventudes, pois contribuem para enriquecer a compreensão sobre os modos de vida dos jovens.

Tendo como referência estas preocupações, na nossa investigação sobre jovens *rappers* desenvolvemos uma etnografia dos espaços dos jovens, para conhecer onde realizam as criações e apresentações musicais, bem como o contexto dos bairros onde os grupos de *raps* tomam forma.

## II. PERCORRENDO A CIDADE NAS PISTAS DOS RAPPERS

Valendo-nos de uma máxima inerente aos processos etnográficos, estávamos cientes de que a utilização de técnicas e procedimentos com a finalidade de desenvolver tais processos, não devem ser pautadas por padrões rígidos ou formalidades pré-determinadas. Fundamentada nestes princípios, iniciamos nossa pesquisa com os *rappers* da cidade, a partir do trabalho de campo. Embora tivéssemos realizado leituras sobre juventude, o “chão” era nossas referências mais importantes. A pretensão era conhecer como nos espaços-tempos do bairro, da rua, da praça, do palco, as vivências juvenis ocorriam. No contato com campo, entendemos que aqueles lugares possibilitavam condições necessárias para que a cultura hip-hop, em especial a *rap*, acontecesse. Assim, percorremos uma séria de lugares com o propósito de localizar e participar dos diversos eventos realizados pelos jovens *rappers*. Dentre estes, são exemplares as idas às atividades de apresentação musical, aos bailes, as rodas de *breack*, as rodas de conversas, etc..

Efetivamente, o que nos fez andar por estes espaços, foi a convicção de que uma investigação sobre cultura juvenil não podia ser conduzida sem que preliminarmente fosse estabelecido contatos com os sujeitos, nos seus contextos de sociabilidades. Muitas questões inquietavam-nos, por isto era impossível partir imediatamente para uma entrevista com os jovens *rappers*. Portanto, decidimos começar pela observação, sendo que a primeira delas foi realizada na roda de *breack* que acontecia todas as sextas feiras na Praça Pedro II, localizada no centro da cidade de Teresina. Fomos inicialmente a duas “rodas” por duas sextas feiras consecutivas. Depois as rodas passaram a ser pontos de encontro e de abordagem aos jovens. As idas às rodas de *breack*, serviu-nos, também, para conhecer os grupos e nos tornar conhecidas por eles. Tudo isto, serviu para adquirir certa confiança dos grupos.

Ao longo da frequência às rodas de *breack*, fomos entendendo que a praça era um espaço significativo para a cultura juvenil *rapper* da e na cidade. Ela fazia parte dos diversos trajetos simbólicos por onde os jovens circulavam, para “espalharem” suas ideias e ocupar o espaço público. Ir à praça representava não apenas a ida ao centro, mas a ocupação de um lugar, sob os olhares atentos da polícia, distantes de seus lugares de moradia na cidade.

Naquela ocasião, os jovens enfrentavam problemas em relação à falta de condições necessárias para o desenvolvimento de suas atividades, em especial, para a realização das “rodas de *break*” e dos bailes de *rap*. Para enfrentar estes problemas, a estratégia foi ocupar a praça localizada na zona central da cidade.

A praça que os jovens ocupavam para praça as rodas de *break* tem um significado importante para a cidade, em razão de ser palco de grandes manifestações políticas e artísticas na cidade. Na P. II, como é conhecida, acontece na praça manifestações políticas e comícios de campanha eleitorais de diversos candidatos a governador e presidente da república. Sem dúvidas, utilizar a praça para fazer as rodas, também tinha significação política. A observação às rodas evidenciou que os jovens *rappers* realizam lazer, política e cultura, pois ali eles dançavam, escutavam a música, festejavam com seus pares, compartilhavam experiências sobre suas dificuldades, arranjavam amigos, se divertiam, mas também protestavam.

Por diversas vezes acompanhamos as rodas de *break*. Todavia, não realizamos nenhuma entrevista na praça. Como anunciado acima, o lugar serviu para articular alguns jovens que posteriormente constituíram-se sujeitos da referida pesquisa. Porém, durante as rodas, fotografamos os grupos, explicamos sobre o que estávamos fazendo e ouvimos depoimentos sobre as dificuldades cotidianas que os jovens enfrentavam.

Na primeira vez, quando chegamos à praça, já encontramos alguns jovens que, envolvidos na organização do evento, testavam o som e os demais equipamentos. Mais tarde chegavam outros jovens, caminhando ou de bicicleta. Em poucos minutos o coreto da praça ficava cheio de jovens. Na roda havia apenas um aparelho de som, um microfone e um *banner* com a identificação da entidade responsável pela organização do evento, o MP<sub>3</sub>-Movimento pela Paz na Periferia.

Enquanto estávamos por lá observando o acontecimento, alguns fatos ali evidentes chamaram minha atenção: a grande maioria era homem. Na primeira vez que estive na roda, cheguei a contar a quantidade de mulheres, apenas quatro. A participação parecia livre, mas ao final, quando o som era desligado os organizadores reclamavam a atenção de alguns pela ausência nas rodas anteriormente realizadas. Ficou claro também, que a roda não era assim tão livre, existiam regras para entrar e sair dela.

Também não pude deixar de ouvir os comentários que alguns jovens faziam sobre os treinos realizados durante a semana para conseguir a *performance* exibida nas entradas e saídas à roda. Pudemos perceber, ainda, que a roda era um espaço reafirmação de certa liberdade entre os jovens. Lá ninguém parece julgar a forma do outro fazer, cada um entre e sai quando quer. Claro que isto visto de fora, porque há códigos de ética definidos pelo grupo, visando à participação dos jovens.

Pudemos confirmar por meio da observação, que a “roda não é só dança, tem o sentido da denúncia e da reivindicação, bastante presente tanto na forma de dançar, quanto no conteúdo das músicas. É recorrente nas músicas, o tema da violência, envolvendo os conflitos com as gangues rivais, com a polícia, as drogas e os problemas sociais que os jovens enfrentavam.

Ouvimos ainda comentários sobre a distância percorrida para chegar até a praça, o que era confirmava à medida que as conversas com um e outro fluíam, e eles iam dizendo de onde viam. Os bairros citados eram: Poti Velho, Matadouro, Vila São Francisco Sul, Piçarreira, Satélite, São Pedro, dentre outros. Frente a estas informações, concluímos que a roda “trazia” jovens dos quatro cantos da cidade para dançar ou ver outro dançar, por menos de três horas, tempo que mais ou menos durava cada uma.

Como as atividades representavam, para os jovens, dimensões diferentes, embora com objetivos comuns, só a observação às “rodas” não bastava. Decidimos durante o mesmo período, acompanhar algumas oficinas realizadas pelo. Fomos a duas delas: a primeira na localidade Soinho, A segunda na localidade Cerâmica Cil, situadas respectivamente, na zona rural leste e na zona rural sul da cidade. As oficinas foram realizadas durante dois domingos consecutivos e tinham diversas atividades:

orientação sobre como andar de skate; como desenhar grafite; aula de dança, dentre outras. A oficina acontecia o dia inteiro e, para nós, constituía-se importante espaço para observar as relações de gênero na cultura juvenil. Como tudo era feito de forma muito precária, havia sempre atraso no início das atividades. Em relação ao processo de construção das rodas, observamos um forte espírito de colaboração entre os membros do grupo e a vizinhança do local, como a praça, quadra ou “barraco de palha” abandonado, onde aconteciam as oficinas.

Primeiro todos se mobilizam na organização do espaço. Segundo, essa mobilização pressupunha doar um pouco do que tinham em “troca” do acesso a algumas atividades lúdicas, naquele dia. Em geral, as mulheres cozinhavam, outros forneciam a água para o grupo beber, o ventilador para ventilar o som. Assim, o trabalho de organização do evento absorvia todos, incluindo membros da própria comunidade.

Entretanto, algo saltava aos olhos: a chamada “questão de gênero”. Ao contrário das rodas, que concentravam presença marcadamente masculina, nas oficinas, quer na organização, quer no desenvolvimento das atividades propriamente ditas, predominam as meninas. Gradativamente, elas iam chegando e inserindo-se de acordo com suas preferências.

Pudemos observar que, se por um lado, na roda os homens dançavam e as mulheres assistiam. Por outro, nas oficinas, as mulheres faziam a comida e os homens cantavam, carregavam os objetos pesados, faziam os grafites e outras atividades. Permanecemos durante muito tempo intrigada com esta ausência das mulheres nas atividades. Entre uma atividade e outra indagávamos o porquê disto, até que um dia, quando estávamos realizando as entrevistas, ouvimos do narrador a seguinte afirmação:

[...] o movimento *hip-hop* não assume, [...] ele é um movimento machista [...]. [E acrescenta]. É machista, ele impede a entrada das mulheres [...], porque assim, é a maneira como o cara canta, a maneira agressiva, que cria uma imagem de homem. A mulher em geral, a imagem social dela não é agressiva. Ela tem que ser é dócil, porque ela é a dona de casa, é como se ela não tivesse revolta interior e não descontasse isso em ninguém. Como se ela também não fosse oprimida.

De fato, os próprios membros reconheciam a existência de um traço machista no movimento, aspecto que merecia maiores reflexões para compreender melhor, como e por que isto ocorria. De imediato não demos tanta importância, mas depois começamos a perceber que, como afirma Portelli (2000), um tema emergia de forma imprevista na nossa pesquisa. Como estávamos abertas e ainda na fase de observação, pudemos verificá-lo nas observações subseqüentes, bem como, privilegiar-lo nas entrevistas.

Continuemos com as observações, em outros espaços. Fomos a outras atividades e uma delas foi assistir a condução de um programa de rádio, que acontecia todos os sábados à noite, em uma emissora de frequência AM da cidade, a “Rádio Pioneira de Teresina”. À época existiam diversos programas de rádio desenvolvidos por membros do *hip-hop*, inclusive em “Rádios Comunitárias” e até mesmo em “Auto-falantes”. Estes últimos são formas de comunicação bastante presente nas zonas periféricas de Teresina, do ponto de vista geográfico. O intuito era acompanhar a realização do programa *in locus*, para compreender melhor como as mensagens eram passadas e o movimento interno no *studio* durante o programa.

O Programa de rádio era outra atividade importante desenvolvida pelo MP3. Tratando dos problemas do mundo juvenil menos favorecido, o programa era uma das formas de divulgar o movimento, fazendo-o chegar aos lugares mais distantes da cidade, por meio de mensagens, músicas e depoimentos de jovens pertencentes ao mesmo. O programa era também uma forma de divulgar as ações para a divulgação do trabalho da entidade e os problemas enfrentados pelos interlocutores. Em geral, os ouvintes denunciavam o descaso do governo para com os problemas existentes nas zonas dos

ouvintes. Narravam, sobre os conflitos entre gangues, ocorridos nas comunidades. No estúdio, os membros do MP<sub>3</sub> faziam comentários gerais sobre os problemas expostos, incentivavam os jovens para a superação das dificuldades e, sobretudo, divulgavam suas atividades. Considerando a quantidade de abordagem aos locutores, a audiência era bastante significativa.

Conforme explicitado acima, a observação compreendeu o acompanhamento a inúmeras atividades desenvolvidas pelos *rappers*, tais como: apresentações musicais, reuniões, ensaios e bailes. Todas elas foram resgatadas por meio da utilização do registro no caderno de campo. O caderno de campo foi-nos muito útil e sempre nos acompanhou durante os dois anos de pesquisas de campo. No caderno de campo foram registrados os primeiros contatos com os jovens, as impressões sobre as observações realizadas, as anotações durante e depois das entrevistas e, até mesmo as “alucinações”, sobre a pesquisa, que tivemos durante as madrugadas e que nos rederam importantes reflexões.

Assim sendo, a investigação de campo foi uma “fase” importante na medida em que nos possibilitou ampliar informações sobre o movimento, definir o eixo da investigação, conhecer os espaços de circulação dos jovens, mas, sobretudo, que as experiências de vida dos próprios jovens eram o motor do movimento.

Conforme Janaína Amado e Marieta Ferreira (1998):

Em nosso entender, a história oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho — tais como os diversos tipos de entrevista e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiados relacionar-se com suas entrevistas e as influências disso sobre seu trabalho —, funcionando como ponte entre teoria e prática. Esse é o terreno da história oral — o que, a nosso ver, não permite clássica-la unicamente como prática. Mas, na área teórica, a história oral é capaz apenas de *suscitar*, *jamis solucionar*, questões; formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas. (p. xii, xiii e xvi).

Tudo isso nos levou a decidir pela adoção da metodologia da história oral, apreendida por meio da história de vida, como forma de recolher as narrativas dos jovens *rappers*. Não obstante alguns relatos acerca da dificuldade de acesso a esses jovens, na nossa pesquisa, isto não ocorreu, pois a rede de relações que envolvem o movimento e a confiança entre esta pesquisadora e os jovens, construída durante o processo de observação, fez com que vários jovens, não apenas fossem uma espécie de articuladores, indicando outros jovens para participar da pesquisa.

### III- CONVERSANDO COM OS *RAPPERS*

Após o período de observação, com mais elementos acerca da realidade dos jovens *rappers*, decidimos realizar as primeiras entrevistas. As primeiras entrevistas foram desenvolvidas num período de dois meses. Ao todo foram duas com membros do MP<sub>3</sub> e duas com membros da Coordenadoria da Juventude da SASC - Secretaria Estadual de Assistência Social e Cidadania. O objetivo das primeiras entrevistas era conhecer melhor as ações desenvolvidas para os jovens. As indagações foram gerais, considerando que neste primeiro momento, a realidade era-nos, ainda, bastante estranha. Temos clareza que a realidade nunca será por completo familiar, mas a estranheza sobre a qual nos referimos, tem relação com os diferentes significados e usos que os jovens fazem da cidade, portanto, como os modos como eles vivem na cidade. Penetrar nos meandros da vida dos sujeitos, suas sociabilidades, a forma como se relacionam com o *Hip Hop*, foram propósitos da referida pesquisa.

A partir dessas entrevistas foi possível obter melhor compreensão sobre a forma de funcionamento das entidades, principais atividades desenvolvidas, composição e, sobretudo, o que os

jovens pensavam deles mesmos e dos outros com os quais trabalhavam. Toda essa diversidade de assuntos foi marcante porque nos permitiu perceber como e o que cada um valorizava, além da disposição em falar sobre suas práticas de trabalho nessas entidades, dando-nos a entender que suas palavras não eram valorizadas por onde circulavam, como se não fossem notados. Inclusive, uma das narradoras ao final da entrevista, disse-me: “Ah!! (risos) eu gostei, é a primeira vez que eu faço entrevista com alguém, assim e tal”, demonstrando muita satisfação em narrar sua história.

Em seguida, realizamos entrevistas com os jovens *rappers*. Inicialmente, nossa pretensão era de fazer entrevistas de história oral temática. Entretanto, durante as observações observamos que os jovens ao serem abordados sobre o movimento, insistiam em se colocar no centro da narrativa, contando suas histórias de vida. A história do movimento era a história deles, as suas autobiografias, conforme acontecem com os narradores de Portelli (2000), nas pesquisas sobre resistência. Narrativas acerca da ausência de espaço para brincar e dançar; a falta de escolas para estudarem; das incursões pelos bailes da cidade; das experiências de trabalho; das competições entre eles; enfim, suas histórias de vida.

A história de vida possibilita a apreensão da história individual e, ainda, a manifestação de indivíduos pertencentes a segmentos excluídos da sociedade. Como nos lembra Ferrarotti (1993):

[...] cada vida individual, todas as vidas individuais, são documentos de uma humanidade mais ampla com suas descontinuidades históricas. O elo que une estes mosaicos biográficos, singulares ou colectivos, em suas diferentes perspectivas, é a articulação do tempo recolhida em seu duplo aspecto de experiência individual e colectiva, dos momentos que se integram reciprocamente (tradução nossa) (p.183).

Nesse sentido, nas histórias de vida dos *reppers* sobre as violências a que são vítimas, são elementos que possibilitam estabelecer mediações com a história social do tempo presente. Mas os jovens também narram acerca da vivência nas entidades e nos grupos. Obviamente, o fato de os jovens terem vivido tais experiências, não é um simples dado demográfico, mas um “resumo condensado de uma história social individual, [...]” (Pollak, 1989, p.10). Nestas histórias, estão, sem dúvida, os acontecimentos que balizam a existência desses jovens, a partir dos espaços que ocupam na cidade; todos os são oriundos de zonas periféricas, em que o convívio com tais experiências é visto como muito comum.

O recolhimento da história de vida constituiu-se por meio de um diálogo. Mas um diálogo que presumiu ser toda a história do sujeito relevante para a pesquisa. As narrativas foram ricas em detalhes e renderam mais de cem páginas de transcrições, além de várias anotações no caderno de campo.

### III-CONSIDERAÇÕES FINAIS

A diversidade e a complexidade das informações obtidas possibilitaram um conhecimento acerca das formas de ocupação no espaço-tempo dos *rappers* na cidade, no percurso das práticas culturais que desenvolvem: o que fazem: como ocupam o tempo; aonde vão quando o interesse é o *rap*.

Neste sentido, essa dinâmica não obedece a um padrão homogêneo, pois resulta de determinações diversas que envolvem questões de gênero e classe social, com abrangências diferenciadas, mas significando uma referência na elaboração e vivência da condição juvenil em Teresina.

Neste texto fizemos uma breve abordagem acerca da trajetória da pesquisa de campo realizada. Durante o período acompanhamos várias atividades dos diferentes grupos de *rappers*, apenas assim foi possível conhecer os sentidos que os espaços tiveram para a construção da *rap* enquanto proposição cultural na cidade. Todavia, foi por meio da história de vida que pudemos apreender e

compreender os sentidos políticos, laboral, fraternal e de lazer para os jovens participantes do movimento hip-hop por nós entrevistados.

## BIBLIOGRAFIA

- Abramo *et alli* (org). (2000). *Juventude em Debate – aspectos morais e éticos*. São Paulo, Editora Cortez.
- \_\_\_\_\_. Abramo *et alli* (org). (1994) *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo, Editora Scritta.
- Amado, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. (1998). Apresentação. In. Amado, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, FGV.
- Araújo, Lídice Maria Silva de. (2002). *Os jovens do Recife e o lugar de cada um*. Tese de Doutorado, PUC/SP. São Paulo.
- Carrano, Paulo Cesar Rodrigues. (2003). *Juventudes e cidades educadoras*. Petrópolis/RJ, Editora Vozes.
- \_\_\_\_\_. (2002). *Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, FAPERJ, 2002.
- Carrano, Paulo César Rodrigues. (2003). *Juventudes e cidades educadoras*. Vozes, Petrópolis.
- Costa, Márcia Regina. (2000). *Os Carecas do subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno*. São Paulo, Editora Musa.
- Diógenes, Glória. (1998). *Cartografias da Cultura e da Violência: gangues, galeras e o Movimento Hip-Hop*. Editora Annablume. São Paulo. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto.
- Ferrarotti, Franco. (1993). Industrialización e Historias de Vida. *Revista Historia y Fluente Oral*, nº 09, Barcelona: Universidad de Barcelona, 1993.
- Pais, José M. (2000). *Ganchos, Tachos e Biscates: jovens, trabalho e futuro*. Proto, Ambar.
- \_\_\_\_\_. (Org.). (1999). *Traços e riscos de vida: uma abordagem qualitativa a modos de vida juvenis*. Porto, Ambar.
- \_\_\_\_\_. (1993). *Culturas Juvenis. Lisboa*. Lisboa. Imprensa Nacional da Casa da Moeda.
- Portelli, Alessandro. (2000). *Biografia di una città. Storia e racconto: Terni 1831-1985*. Terni, Franco Angeli, Roma.
- Pollak, Michel. (1989). Memória, Esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, (p. 3-15).